

A ESCOLHA LEXICAL E OS ELEMENTOS DE PERSUASÃO DISCURSIVA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Francivaldo Araujo Silveira¹

Resumo: O presente trabalho se compõe de um estudo sobre as escolhas lexicais do então presidente Michel Temer em um cenário no qual ele se pronunciou acerca de acusações direcionadas a ele. Buscamos observar de que maneiras as escolhas lexicais se articulam dentro do discurso para surtirem um efeito de convencimento. Além disso, nos questionamos sobre a eficácia das escolhas lexicais em relação a outros fatores argumentativos. Existem recursos linguísticos que são acionados quando se utiliza o discurso. Aquilo que é enunciado, o locutor, o interlocutor e a cena enunciativa modificam o tom do que é proferido. O léxico não funciona apenas de uma maneira referencial, no sentido de indicar uma coisa, tendo em vista que possui uma carga semântica e uma significação que são históricas e culturais. Assim sendo, a escolha lexical se mostra relevante na formulação do discurso. Uma informação pode ser dita de diferentes modos, e o modo escolhido para dizer algo modifica a maneira como o receptor daquela informação irá recebê-la. A metodologia utilizada é a de um trabalho dissertativo-argumentativo referente à análise do discurso proferido pelo Chefe de Estado brasileiro naquela ocasião. Foram considerados alguns autores referentes à teoria da gramática e da retórica. A análise dialoga com alguns cânones, tanto da área da linguística quanto da gramática normativa, como também da retórica. Ao final do trabalho, concluímos que, embora o discurso tenha sido proferido com uma boa utilização da retórica e com boas escolhas lexicais, o convencimento não se efetivou de fato.

Palavras-chave: Léxico. Discurso. Michel Temer. Política brasileira.

LEXICAL CHOICE AND THE ELEMENTS OF DISCURSIVE PERSUASION IN THE PORTUGUESE LANGUAGE

Abstract: This paper is a study of the lexical choices made by then-president Michel Temer in a scenario in which he spoke out about accusations directed at him. We sought to observe the ways in which lexical choices are articulated within the discourse to have a convincing effect. We also questioned the effectiveness of lexical choices in relation to other argumentative factors. There are linguistic resources that are used when discourse is used. What is enunciated, the speaker, the interlocutor and the enunciative scene modify the tone of what is said. The lexicon doesn't just function in a referential way, in the sense of indicating something, as it has a semantic charge and meaning that are historical and cultural. Therefore, lexical choice is relevant in the formulation of discourse. Information can be said in different ways, and the way you choose to say something changes the way the receiver of that information will receive it. The methodology used is that of a dissertative-argumentative work referring to the analysis of the speech given by the Brazilian Head of State on that occasion. Some authors from the fields of grammar and rhetoric were considered. The analysis dialogues with some canons, both in the field of linguistics and normative grammar, as well as rhetoric. At the end of the paper, we concluded that although the speech was delivered with a good use of rhetoric and good lexical choices, it did not really convince.

KEYWORDS: Lexicon. Speech. Michel Temer. Brazilian politics.

INTRODUÇÃO

Este artigo² busca explorar a constituição do processo argumentativo nas escolhas lexicais adotadas pelo presidente Michel Temer, inserindo essa análise no contexto mais amplo da retórica política brasileira contemporânea. Ao longo do estudo, serão examinadas as

¹ Discente do curso de Letras Português da Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9643181160090307> Orcid: 9643181160090307. E-mail: valdoaraujosilveira@gmail.com.

² Texto apresentado inicialmente como trabalho de conclusão de curso de minha graduação em Letras Língua Portuguesa pela Universidade de Goiás (2013).

estratégias argumentativas utilizadas no discurso político, com ênfase em como as escolhas lexicais contribuem para moldar o convencimento de um público diversificado. O trabalho também visa compreender em que medida essas escolhas refletem as dinâmicas políticas e sociais do Brasil atual, destacando a importância do discurso como ferramenta de persuasão em cenários de alta complexidade e pluralidade.

O corpus deste estudo é composto pelo discurso de Michel Temer à imprensa em 2017, quando foi acusado de envolvimento em corrupção. Nesse pronunciamento, o então presidente abordou publicamente as acusações que lhe foram imputadas. Esta pesquisa se dedica à análise dos atos de justificação empregados pelo orador em resposta a tais acusações. O discurso foi selecionado por estar relacionado a um escândalo de corrupção no qual Temer, supostamente, esteve envolvido ao longo de sua carreira pública. O objetivo é avaliar se as escolhas lexicais utilizadas pelo presidente foram eficazes para convencer o público.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu a partir das eleições de 2016, quando começaram a circular nas redes sociais críticas ao léxico frequentemente utilizado pela então presidente Dilma Rousseff em suas declarações à imprensa. No ano seguinte, durante a narrativa política, a presidente enfrentou um processo de impeachment, tema que não será abordado em detalhes neste trabalho. Em seguida, Michel Temer, então vice-presidente, assumiu a presidência da república. No primeiro pronunciamento à imprensa como presidente, ele empregou um léxico que se distanciava significativamente do utilizado por sua predecessora.

Um exemplo notável dessa mudança na oratória foi o uso da mesóclise "fosse sê-lo-ia", proferida por Temer em seu discurso inaugural, o que gerou imediatos elogios nas redes sociais. A partir desse enunciado, emergiram discursos nas redes sociais sugerindo que a política brasileira agora contava com um presidente que dominava a norma culta da língua portuguesa. Diante desses fatos, surgiram dois questionamentos centrais sobre o processo argumentativo: para convencer um público específico, a escolha lexical é realmente a melhor estratégia? Ou existem outros fatores argumentativos em jogo na sociedade contemporânea que influenciam a persuasão de um público heterogêneo?

O discurso selecionado insere-se em um contexto em que o presidente foi questionado por três frentes: Supremo Tribunal Federal, mídia e população. As acusações referiam-se a um possível envolvimento em corrupção com um empresário brasileiro, o que levou o orador a adotar um léxico específico como estratégia argumentativa para legitimar sua defesa. Não é possível determinar, a priori, se o público foi efetivamente convencido, uma vez que, segundo

Ducrot (1992), “nenhum discurso é real”. Entende-se que a interpretação do discurso depende do ponto de vista adotado por quem fala ou escuta (Ducrot, 1992). No entanto, este estudo parte do pressuposto de que outros fatores também influenciam a retórica utilizada. Assim, o objetivo desta análise foi identificar se as escolhas lexicais foram determinantes para o convencimento do público em uma situação política específica e se outros fatores contribuíram nesse processo argumentativo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter dissertativo-argumentativo, que se dedica à análise do discurso proferido pelo Chefe de Estado brasileiro em 2013, disponível no site exame.abril.com.br. A análise considerou obras de autores relevantes nas áreas da gramática e da retórica. Para refletir sobre as questões relacionadas à argumentação na contemporaneidade, em que alguns indivíduos ultrapassam o domínio da escrita e adentram a esfera da fala, torna-se essencial dialogar com cânones tanto da linguística quanto da gramática normativa e da retórica.

A obra *Território das Palavras* de Irlandé Antunes (2012) foi essencial para a análise do léxico. Além disso, a *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara (2009) e *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra (2013) foram fundamentais para o exame das funções das normas gramaticais. Duas obras clássicas do filósofo grego Aristóteles, *Retórica de Aristóteles* (2005) e *Retórica das Paixões* (2000), também desempenharam um papel crucial na reflexão sobre o processo deliberativo e político do discurso analisado, bem como no entendimento das paixões vinculadas às escolhas argumentativas do orador.

A leitura de Ducrot (1992) permitiu aprofundar a compreensão dos elementos implícitos e das pressuposições subjacentes no discurso analisado, aspectos que são frequentemente decisivos na interpretação e no impacto comunicativo de um texto. As contribuições de John Austin (1990), por sua vez, forneceram base teórica para pensar as palavras não apenas como veículos de comunicação, mas como atos em si, que produzem efeitos concretos no contexto em que são proferidos. Essa perspectiva foi importante para entender como os discursos políticos, em particular, podem moldar percepções e influenciar o comportamento do público. Finalmente, *O Tratado da Argumentação* de Chaim Perelman (2005) desempenhou um papel central para a análise dos mecanismos pelos quais um orador busca conquistar a adesão da

plateia, explorando as estratégias argumentativas utilizadas para persuadir e engajar os ouvintes, e como essas estratégias podem ser adaptadas a diferentes contextos e audiências.

1. ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS NO DISCURSO DE MICHEL TEMER

O presidente Michel Temer utilizou um léxico específico em seu discurso, guiado pela necessidade de legitimar seu ato de fala como chefe de Estado. De um líder político, especialmente do presidente da República, espera-se uma articulação argumentativa eficaz, objetividade na construção textual, clareza nos sentidos expressos e a capacidade de assegurar que o público compreenda a mensagem transmitida. No livro *A Retórica de Aristóteles* (2005), o filósofo discute que um bom orador deve seguir certos princípios para persuadir seu público, sendo um deles o cuidado com o estilo gramatical no discurso retórico.

Nesse contexto, Aristóteles destacou que há cinco normas essenciais para a correção da linguagem e do estilo: o emprego adequado das partículas, o rigor no uso das palavras, a omissão de termos ambíguos, o uso correto do gênero e o uso apropriado do número. Segundo Aristóteles, essas normas são fundamentais para garantir a clareza da linguagem, bem como para assegurar a observância rigorosa das regras gramaticais e das convenções da língua (Aristóteles, 2005, p. 45).

Ao analisar o discurso do Chefe de Estado, observou-se que as escolhas lexicais feitas pelo presidente foram, em sua maioria, fundamentais para sustentar um raciocínio argumentativo consistente. O discurso do presidente Michel Temer exemplifica essa característica de um bom orador. No entanto, isso não garante que o argumento tenha sido eficaz para o público, pois diversos fatores influenciam a recepção de um enunciado, especialmente quando se busca a adesão do público à narrativa proposta. Além disso, de acordo com Aristóteles, as emoções também desempenham um papel crucial no processo argumentativo, já que o interlocutor é frequentemente movido pelas paixões.

A situação de comunicação no trecho selecionado, abaixo, envolve uma tentativa de defesa por parte de Michel Temer contra as acusações de corrupção. A análise se concentra no uso gramatical empregado pelo orador, com o objetivo de identificar de que maneira a gramática utilizada pelo presidente se integra ao discurso argumentativo.

Olha, ao cumprimentá-los, eu quero fazer uma declaração à imprensa brasileira e uma declaração ao País. E, desde logo, ressalto que só falo agora – os fatos que se deram ontem – porque eu tentei conhecer, primeiramente, o conteúdo de gravações que me cintam. Solicitei, aliás, oficialmente, ao Supremo Tribunal Federal, acesso a esses documentos. Mas até o presente momento não o consegui (Trecho I).

Este enunciado faz parte da introdução em que o presidente se dirige à imprensa para responder às denúncias de envolvimento em um esquema de corrupção. Observou-se que, no primeiro período desse parágrafo, ao cumprimentar o público com "Olha, ao cumprimentá-los", não houve uma preocupação em usar o léxico feminino, evidenciando o uso predominante do masculino. A gramática tradicional sustenta que, em discursos dirigidos a um público diversificado, deve-se empregar o léxico masculino (Rezende; Silva, 2018). No entanto, esse modelo de resgate gramatical contrasta com as perspectivas contemporâneas, nas quais a adesão do público feminino demanda a utilização de pronomes que contemplem ambos os gêneros. Correntes modernas destacam um movimento que aponta para o apagamento gramatical das mulheres na sociedade. No entanto, as mulheres têm uma presença significativa na política. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres representam 52% do eleitorado. Portanto, nesse primeiro momento, apesar do uso da forma gramatical padrão, o discurso não se mostrou totalmente eficaz para esse público específico, considerando tanto a representatividade do público feminino quanto a necessidade de valorização dessa audiência.

Além disso, observou-se que o orador prioriza dirigir-se à imprensa em vez de justificar-se diretamente ao povo brasileiro quanto às acusações que lhe foram feitas. Essa análise é corroborada pela escolha do orador em mencionar a imprensa como o primeiro substantivo em sua frase: "eu quero fazer uma declaração à imprensa brasileira e uma declaração ao País". A ordem argumentativa dos substantivos revela os objetivos do discurso, sugerindo uma preferência pela imprensa em detrimento dos cidadãos. Perelman (2005) destaca que, para argumentar de maneira eficaz, é essencial buscar a adesão do interlocutor, seu consentimento e sua participação mental. Dessa forma, essa escolha argumentativa pode ter contribuído para o distanciamento do eleitorado brasileiro em relação ao argumento apresentado. O primeiro parágrafo do discurso também se caracteriza pelo uso excessivo de verbos que deixam clara a estratégia do orador em sublinhar sua intenção argumentativa, ressaltando as ações que ele considera importantes.

Ressalto que só **falo** agora – os fatos que se **deram** ontem – porque eu **tentei conhecer**, primeiramente, o conteúdo de gravações que me **citam** (Trecho II, grifo próprio).

A gramática normativa sustenta que o verbo tem a função de representar um acontecimento no tempo (Cunha, 2013). Observa-se que as ações descritas pelo presidente indicam um movimento constante em relação à situação. Assim, o presidente deixa claro que não estava negligenciando o caso, mas sim investigando todas as acusações feitas contra ele.

Isso sugere uma ideia de continuidade e ação em torno do ocorrido. Esse trecho revela um movimento anterior à declaração à imprensa.

Há um jogo morfológico entre os tempos verbais e os advérbios, que juntos criam uma narrativa estratégica. Esse tempo narrativo se desenvolve por meio do verbo e do advérbio, ambos empregados intencionalmente para reforçar a intenção do discurso. A escolha dessas classes de palavras pelo presidente foi um ponto de destaque nesta pesquisa, dado o uso frequente dessas categorias morfológicas que fortalecem seus argumentos.

Além de transmitir uma ideia de movimento, observou-se no trecho supracitado que o orador enfatiza a eficácia de sua declaração através do uso de verbos e advérbios. Esses recursos são empregados para justificar que o orador não demorou em se pronunciar. Isso é evidenciado pelos advérbios "agora" e "ontem", que destacam a rapidez e o compromisso em desculpar-se perante o público. O orador também utiliza os advérbios para demonstrar sua competência em comparação com uma segunda figura pública, conforme evidencia a citação abaixo.

“Solicitei, aliás, oficialmente, ao Supremo Tribunal Federal, acesso a esses documentos. Mas até o presente momento não o consegui (Trecho I).

Neste trecho, é apresentada a opinião de que o STF não foi tão eficiente quanto o presidente. O advérbio "oficialmente" ressalta a formalidade no pedido do presidente para ter acesso às gravações, mas evidencia que o STF não foi ágil em atender essa solicitação. De acordo com a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (, 2009, p. 287), o advérbio cumpre a função semântica de expressar uma circunstância (como lugar, tempo, modo, intensidade, condição etc.) e atua na oração como adjunto adverbial.

O advérbio é empregado como um elemento acessório na retórica do presidente Michel Temer, com a clara intenção de intensificar seu discurso na mente dos ouvintes, de modo que compreendam a força de suas justificativas. No livro *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Celso Cunha destaca que “os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam” (2013, p. 556). Assim, os advérbios utilizados no discurso do presidente aumentam a clareza e a acessibilidade do significado pretendido, permitindo que o público compreenda facilmente. Esse uso dos advérbios revela uma “preocupação” em garantir que sua mensagem seja bem interpretada por seu público.

Retomando ao jogo morfológico, citado no Trecho I, entre verbo e advérbio, percebe-se que o verbo “falar” está na primeira pessoa e no tempo presente, tempo este reforçado pelo advérbio “agora”. Outro ponto é o verbo “dar” no tempo passado, reforçado pelo advérbio de tempo “ontem”. “Conhecer” vem antes do advérbio “primeiramente”. O verbo “solicitar” é

apresentado e logo em seguida aparece uma sequência /adverbial ao decorrer do período, “*aliás*” e “*oficialmente*”. Através dos exemplos supracitados, o presidente usou um tempo verbal e reforçou esse tempo por meio dos advérbios de tempo para facilitar ao público, tanto leigo como não, a entender a sequência narrativa das acusações feitas contra ele e de sua reação ao auditório. O fato de o narrador apresentar esses advérbios de tempo próximos das ações verbais forma, de fato, um discurso de justificativa, porque ele não falou ao Brasil e à imprensa antes daquele momento enunciativo. O núcleo da justificativa no ato argumentativo foi a tentativa de conhecimento das acusações e o pedido ao acesso às gravações ao STF. A utilização destes recursos linguísticos fez-se necessários para apresentar seus argumentos “coerentes” no momento da sua defesa para o público geral.

O advérbio de negação foi outra marca constante no discurso do presidente. Para manter um distanciamento entre o acontecido e a fala de defesa, o uso da negação direciona-se ao público com a ideia em deixá-los convictos dos argumentos proferidos naquele momento da enunciação (Trecho III).

Nada tenho a esconder, sempre honrei meu nome, na universidade, na vida pública, na vida profissional, nos meus escritos, nos meus trabalhos. E nunca autorizei, por isso mesmo, que utilizassem o meu nome indevidamente (Trecho III).

Dado que o presidente não manchou sua reputação ao decorrer da trajetória acadêmica e profissional, isso foi colocado como condição que anula o motivo de renunciar seu mandato de presidente da República. Desse modo, discorrer sobre a retórica por meio do advérbio de negação em sua função argumentativa foi fundamental para reforçar a voz de autoridade que permite o presidente em usá-la devido a seu “lugar de fala”.

Não renunciarei, repito, **não** renunciarei (Trecho IV).

O interesse do orador em insistir na repetição dos advérbios de negação “*nada*”, “*nunca*” e “*não*” (Trecho III e IV) foi oportuno em seu discurso contra as acusações feitas em seu nome, e de sua convicção em não renunciar ao cargo presidencial. Portanto, podemos perceber que a repetição desses advérbios funciona como convencimento ao auditório persuadindo sua inocência. Assim, os advérbios de negação, ditos pelo chefe de Estado, tornam-se, também, uma marca da retórica, a fim de intensificar a sua convicção argumentativa. Sabe-se que a repetição de advérbio de negação possui valor semântico no discurso retórico (AUSTIN, 1990), o que demonstra o interesse do enunciador em fixar o discurso proferido naquele momento.

Percebe-se, no Trecho III, o uso recorrente de advérbios de lugar, com objetivo de demonstrar o quanto Michel Temer honrou seu nome nos lugares por onde passou ao decorrer da vida. Ele enfatiza os lugares dados pela sociedade como importantes para a vida de uma pessoa, ou seja, lugares que precisam de honestidade e demonstram comprometimento pessoal, citando questões consideradas como respeitáveis para sua honra. Percebe-se, portanto, que o uso constante de advérbios em seu discurso conduz a uma boa retórica, pois os termos acessórios contribuem para reforçar sentidos do enunciado (Cunha, 2013).

Evidenciou em sua defesa uma intenção argumentativa em apresentar no jogo narrativo uma vitimização nas acusações. Percebe-se que a quantidade de advérbios no texto por um todo é algo que deixa claro a ideia de expressar uma noção de valor nessa classe de palavras. O interesse de expressar o significado coerente para seu auditório faz com que o presidente use os verbos e os advérbios em seu discurso, marcados em sua retórica. Confirma-se, portanto, uma proximidade entre as escolhas das palavras do presidente em seu discurso e seu público (“imprensa” e “País”). Fica evidente o valor semântico em sua ação no ato argumentativo ao apresentar os verbos alentados por meio dos advérbios de tempo, de lugar e de juízo de valor.

O discurso do presidente é construído como retórica, isto é, os léxicos escolhidos operam valores específicos no texto, com vistas à aceitação da audiência de seu discurso. Existem nas palavras escolhidas uma aproximação de seu discurso em relação sua audiência, específica àquele momento da enunciação. O discurso do presidente apresenta um formato um tanto quanto conveniente, cujo léxico é adequado a cada situação. Em relação ao dia em que ele tomou posse, quando discursou justificando ante as acusações de corrupção, as escolhas lexicais foram diferentes das demais situações, ou seja, o presidente apresenta um novo estilo de fala/escrita para a sociedade conforme o público visado. Os termos gramaticais considerados “difíceis”, aqueles apontados pelos brasileiros no uso linguístico do presidente em seu discurso de posse, foram negligenciados nessa situação. Izidoro Blikstein no seu livro *Técnicas de Comunicação Escrita* diz:

Se pretendemos que a nossa mensagem escrita seja corretamente decodificada, temos de pensar, antes de tudo, na experiência e no grau de conhecimento do destinatário, para sabermos se as informações que lhe estamos enviando são óbvias ou desconhecidas (Blikstein, 1997, p. 47).

O discurso de defesa do presidente carrega marcas específicas para uma boa retórica. Foi observado, portanto, que o presidente usa o léxico de maneira que facilita a compreensão dos argumentos para um público heterogêneo. Observa-se no discurso que as escolhas de palavras contribuem para uma boa argumentação, pois a intenção da persuasão foi convencer

seu público por meio de significações específicas. Tudo depende da forma como a língua é manejada na retórica. Conhecer o público é fundamental para uma boa retórica, como já evidenciado, tal ato precede o convencimento da plateia. As estratégias usadas pelo orador foram fundamentais para influenciar seu auditório.

CONCLUSÃO

Mesmo evidenciando que o orador possui um repertório lexical no discurso e uma qualidade na antecipação dos problemas, não significa que o convencimento do público foi eficaz. Diante do discutido, as escolhas de palavras não foram em vão, pois mostraram uma tentativa de induzir seu público para um significado pretendido pelo presidente. Por isso, o discurso significativo na retórica foi fundamental para uma tentativa de convencimento do auditório, mas, nem todos são convencidos por essas questões, pois como já dizia Aristóteles Na *Retórica Das Paixões*, tudo depende do modo como os indivíduos lidam com as paixões. Diante disso, a ideia de que um bom orador use as significações possíveis para o convencimento do seu público é subjetiva, pois o argumento eficaz depende de questões particulares.

Fica evidente, portanto, que o termo acessório apresentado pelo advérbio tem um valor semântico na retórica, pois esse termo contribui para o entendimento do discurso proferido no momento da enunciação, pois apresenta informações para justificar o discurso proferido. O objetivo desses léxicos é contribuir no entendimento do auditório de forma geral, para que não haja dúvidas de suas justificativas argumentativas.

Entretanto, conclui-se que, mesmo mediante uma retórica apropriada, não é garantido o convencimento do público. Tal fato é evidenciado pelo elevado índice de rejeição de Michel Temer, estimado em 82% em junho de 2018, segundo o Datafolha. Portanto, foi identificado que para convencer um público na sociedade contemporânea é preciso mais do que dominar um léxico conveniente, conquistando a adesão do auditório por meio das paixões do público ouvinte.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudos do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. -37. Ed. rev. Ampl. E atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de comunicação escrita**. – 2. Ed São Paulo: Editora Ática, 1985.

SILVA, D. M.; REZENDE, T. F. **Desobediência linguística**: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa Revista Porto das Letras, Porto Nacional, v. 04, n. 01, p. 174 – 202, 2018.

DUCROT, Oswald. **Semântica**: do dizer e do dito. São Paulo: Cultrix, 1995.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**/Celso Cunha & Lindley Cintra. - 6. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DISCURSO DO PRESIDENTE MICHEL TEMER. Retirado do site: <https://g1.globo.com/noticia/veja-a-integra-do-discurso-de-michel-temer.ghtml>.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. – 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo. Cultrix, 2016.

Recebido em: 23 de março de 2024.

Aceito: 11 de setembro de 2024.